

CHICO SCIENCE: A POESIA EA DANÇA

CHICO SCIENCE: POETRY AND DANCE

Terêsa Maria Otranto Abrantes

Doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Mestrado em Ciências da Sociedade pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Especialização em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Professora da Faculdade Maurício de Nassau

Professora, Revisora e corretora da Revista Científica do Curso de Administração da Fapice

Escritora com 2 livros publicados no site oficial da Livraria Cultura

teresaotranto@terra.com.br

RESUMO

Neste artigo, mostramos a origem do movimento Manguê beat, bem como o surgimento de seu mentor. Analisamos também as influências recebidas através de novos ritmos nacionais, como a embolada, a cantiga de roda e o maracatu e ritmos estrangeiros, como o soul, o rock, o funk, o Hip Hop, o reggae e o ska. Registramos ainda as influências de novas artes, como: os quadrinhos, os estilistas, a performance, o Hip Hop (movimento cultural estruturado em cinco pilares: na música eletrônica de um DJ, no grafite, no RAP, no Break Dance e no MC) com impacto social na moda e na dança. Chico fundiu tudo isso, associando-os ainda a Josué de Castro, com sua Geografia da fome, aos clássicos da ficção científica e ao cangaço, para criar o movimento Manguê beat. Nesta “colcha de retalhos” analisamos o conteúdo de algumas das suas letras de músicas, bem como a performance de Chico Science ao apresentá-las, incorporando-as às teorias de Canclini.

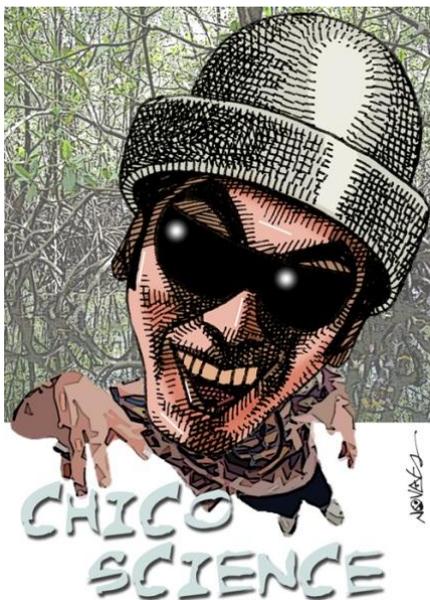
Palavras-chave: literatura popular. Performance. Manguê beat. Intertextualidade. Análise de letras.

ABSTRACT

In this article, we will show the origin of Manguê beat movement, as well as the appearance of its inventor. We also analyze the influences received through new national rhythms, like the embolada, the circle song, maracatu and foreign rhythms, like the soul, rock, funk, Hip Hop, reggae and the ska. We registered also the influences of new arts like comics, the stylists, performance, Hip Hop (cultural movement based on five lines: electronic music of a Disc Jockey, graphite, Rap, Break dance and MC) with a social impact on the fashion and on dance. Chico joined all this, linking them to Josué de Castro, with his Geography of hungry

with the classics of science fiction and cangaço, to create the Mangue beat movement. In this “patchwork” we analyze the content about some of its songs, also the performance of Chico Science presenting them joining them to the Canclini’s theory.

Key-words: Popular literature. Performance. Mangue beat. Intertextuality. Analysis of songs.

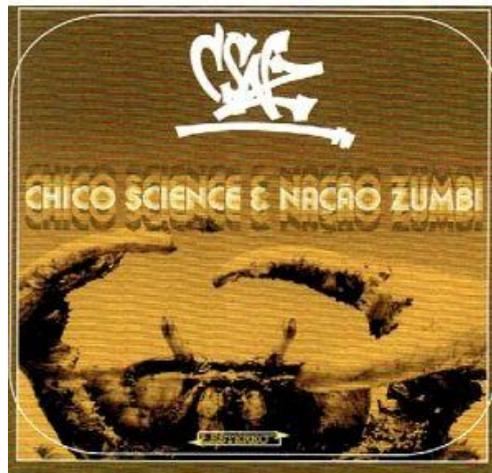


1 INTRODUÇÃO: O MANGUE BEAT E CHICO SCIENCE

Tudo começou com a Orla Orbe, em Recife, nome da primeira banda da qual Francisco de Assis França fez parte, nos idos de 1987. Nessa época, ele ainda não era Chico Science, mas sua inventividade já se anunciava alimentada pela sua participação, três anos antes, na Legião Hip Hop, um grupo de dança de rua no qual grafiteiros, músicos e dançarinos curtiam o melhor da música negra norte-americana.

A black music também era a base do Loustal, grupo posteriormente formado por Chico e seus amigos Lúcio Maia e Alexandre Dengue. O nome é homenagem ao quadrinista francês Jacques de Loustal, cujo trabalho era apreciado por Chico. O hip hop da Legião, o funk e o soul da Orla Orbe eram alguns dos ritmos misturados pelo Loustal, que se utilizava também de rock e ska2.

No início de 91, Chico Science entra em contato com o Lamento Negro, um bloco afro que trabalhava com educação popular no centro comunitário Daruê Malungo, periferia do Recife.



Em seguida, ele misturou o ritmo da percussão do bloco de samba-*reggae* Lamento Negro com o som de sua antiga banda. No ano de 1991, em Olinda, aconteceu o primeiro *show* da banda, com o nome provisório de **Loustal & Lamento Negro**, numa festa chamada *Black Planet*.

Posteriormente, a banda **Loustal & Lamento Negro** dá origem a **Nação Zumbi**, banda de *rock pós-punk*, a qual, originalmente, chamava-se **Chico Science & Nação Zumbi**. O público assistiria, em junho, ao primeiro *show* da banda no Espaço Oásis em Olinda.

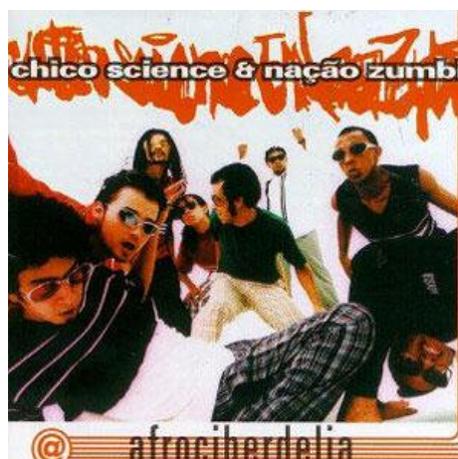
Logo, o grupo começou a se apresentar no Recife e em Olinda e iniciou o **movimento Mangue beat**, com direito a **Manifesto: Caranguejos com Cérebro**. Escrito por músicos como Chico Science e Fred Zero Quatro; o jornalista Renato Lins e outros companheiros de bar com o intuito de balançar o marasmo cultural instalado em Recife: "vamos criar um satélite de ideias, fincar uma parabólica no mangue e mostrar a cara do Brasil".

Por ser o mangue o ecossistema biologicamente mais rico do planeta, o pensamento de Chico Science passava pela necessidade de formar uma cena musical tão rica e diversificada como a dos manguezais. O movimento mangue, que tem como símbolo uma antena parabólica espetada na lama, tornou-se um dos principais movimentos a se engajar na luta por melhorias sociais na vida da população. A presença da tecnologia é marcante no movimento, que se unia aos outros para uma melhor exploração do mangue, alertando a todos que ali (no mangue) encontram-se os Caranguejos com cérebro, sempre antenados.

A partir da fundação do movimento, aconteceram várias apresentações, junto com outros grupos do Recife. A turma reunia profissionais das mais diversas áreas: músicos, jornalistas, artistas plásticos, punks. O elo entre todos era o gosto por música, fosse qual fosse o tipo ou a origem. Os jornais locais começavam a abrir espaço e a designar a cena musical que fervilhava no Recife sob o rótulo de Mangue ou Mangue beat.



O primeiro CD do grupo, *Da Lama ao Caos*, gravado no estúdio *Nas Nuvens*, Rio de Janeiro, chegou ao mercado nacional em 94. O CD levou o público ao delírio e conseguiu arrebatá-los os críticos dos principais cadernos culturais do Brasil. Os *shows* não eram mais problema: a banda começou a excursionar e a contar as histórias do mangue mundo afora. Participando de festivais nos Estados Unidos ou fazendo *shows* pela Europa, a **Nação Zumbi** foi deixando sua marca pelos lugares que passava, preparando o terreno para novas idéias - e para o novo disco.



Um grupo mais maduro voltou ao estúdio *Nas Nuvens*, no Rio, em 96, para gravar **Afrociberdélia**. Deixando o produtor de lado e assumindo o comando do disco, a Nação deixou que pitadas eletrônicas permeassem o CD, que conta com diversas participações especiais, entre elas Gilberto Gil, Fred 04 (Mundo Livre S/A) e Marcelo D2 (Planet Hemp). E, mais uma vez, a estrada foi à casa da banda durante esse ano: novamente Estados Unidos, Europa, Brasil. Em todos os lugares, o público impressionava-se com o batuque dos tambores de **Nação Zumbi**.

Com a Banda **Nação Zumbi**, Chico Science foi eleito pela Associação de Críticos Musicais de São Paulo o melhor grupo musical brasileiro de 1996.

O ano de 97 chegou para mudar radicalmente a trajetória da banda. Em um acidente de carro, na divisa entre o Recife e Olinda, Chico Science (Olinda, 13 de março de 1966 / Recife, 2 de fevereiro de 1997) morreu indo a prévia do bloco **Enquanto isso na Sala da Justiça**, às vésperas dos *shows* que o grupo faria no carnaval, deixando dois discos gravados: **Da Lama ao Caos** e **Afrociberdélia**. O primeiro disco, **Da Lama ao Caos**, projetou a banda nacionalmente. O segundo, **Afrociberdélia**, mais pop e eletrônico, confirmou a tendência inovadora de Chico Science. Nele, Chico fundia três influências marcantes no *background* da banda: a sonoridade africana, o interesse pela cibernética e a psicodélia. Misturas pouco prováveis de ensolaradas guitarras africanas, tambores, *rock* inglês, *dub* jamaicano³ e *funk* intergalático deram o tom ao disco. (Memorial Chico Science).

Podem ser citadas como bandas relacionadas a Chico Science, as conterrâneas Mundo Livre S/A, Bonsucesso Samba Clube, as mais recentes Cordel do Fogo Encantado, Mombojó e Otto, passando por Sepultura (mais especificamente o álbum *Roots*), Cássia Eller (intérprete de músicas como *Corpo de Lama* e *Quando a Maré Encher*), Fernanda Abreu (álbum *Raio X*) e Arnaldo Antunes (álbum *O Silêncio*), além da antiga parceira e ainda em atividade: **Nação Zumbi**.

Chico Science & Nação Zumbi participaram de trilhas sonoras, como:

- **A novela Tropicaliente** (1994);
- **Baile Perfumado** (1997), de Lírío Ferreira e Paulo Calda;
- **Amarelo Manga** (2003), de Claudio Assis;
- **Angicos**, uma ode de vida e de morte a Lampião e seus cangaceiros, de Amir Haddad.

Entendendo-se contracultura como uma nova postura em face da cultura convencional, encaixamos o movimento Mangue beat, na história, como algo que revolucionou o cenário musical brasileiro através de uma antropofagia cultural, inovações estéticas e tecnológicas.

2 O MOVIMENTO MANGUE BEAT

O Mangue beat, como movimento, surgiu em Pernambuco, na cidade de Recife, no ano de 1991, com o **Manifesto: Caranguejos com Cérebro**, que reproduzimos a seguir:

Mangue, o conceito.

Estuário. Parte terminal de rio ou lagoa. Porção de rio com água salobra. Em suas margens se encontram os manguezais, comunidades de plantas tropicais ou subtropicais inundadas pelos movimentos das marés. Pela troca de matéria orgânica entre a água doce e a água salgada, os mangues estão entre os ecossistemas mais produtivos

Estima-se que duas mil espécies de microorganismos e animais vertebrados e invertebrados estejam associados à vegetação do mangue. Os estuários fornecem áreas de desova e criação para dois terços da produção anual de pescados do mundo inteiro. Pelo menos oitenta espécies comercialmente importantes dependem do alagadiço costeiro.

Não é por acaso que os mangues são considerados um elo básico da cadeia alimentar marinha. Apesar das muriçocas, mosquitos e mutucas, inimigos das donas-de-casa, mas, para os cientistas são tidos como símbolos de fertilidade, diversidade e riqueza.

Manguetown, a cidade

A planície costeira, onde a cidade do Recife foi fundada, é cortada por seis rios. Após a expulsão dos holandeses, no século XVII, a (ex)cidade “maurícia” passou desordenadamente às custas do aterramento indiscriminado e da destruição de seus manguezais.

Em contrapartida, o desvario irresistível de uma cínica noção de “progresso”, que elevou a cidade ao posto de “metrópole” do Nordeste, não tardou a revelar sua fragilidade.

Bastaram pequenas mudanças nos ventos da história, para que os primeiros sinais de esclerose econômica se manifestassem no início dos anos setenta. Nos últimos trinta anos, a síndrome da estagnação, aliada à permanência do mito da “metrópole”, só tem levado ao agravamento acelerado do quadro de miséria e caos urbano.

Mangue, a cena

Emergência! Um choque rápido ou o Recife morre de infarto! Não é preciso ser médico para saber que a maneira mais simples de parar o coração de um sujeito é obstruindo as suas veias. O modo mais rápido, também, de infartar e esvaziar a alma de uma cidade como o Recife é matar os seus rios e aterrar os seus estuários. O que fazer para não afundar na depressão crônica que paralisa os cidadãos? Como devolver o ânimo, “deslobotomizar” e recarregar as baterias da cidade? Simples! Basta injetar um pouco de energia na lama e estimular o que ainda resta de fertilidade nas veias do Recife.

Em 91, começou a ser articulado, em vários pontos da cidade do Recife, um núcleo de pesquisa e produção de idéias *pop*. O objetivo era engendrar um **circuito energético**, capaz de conectar as vibrações dos mangues com os conceitos *pop*. Assim surge o **Manifesto: Caranguejos com Cérebro**, que define o mangue associando-o a alma humana, exaltando o homem-caranguejo, valorizando os seus ecossistemas, enaltecendo o mangue como o coração do Recife, o que forma uma cena inédita. O Movimento valoriza os manguezais, os quais propiciam a troca de matéria orgânica entre a água doce e a água salgada, classificando-os entre os ecossistemas mais produtivos do mundo.

Outra influência fundamental para o movimento é o livro **Homens Caranguejos** do sociólogo pernambucano Josué de Castro, no qual o autor compara o ciclo de vida do homem miserável ao do caranguejo, que se alimenta dos dejetos orgânicos do mangue.

Para melhor explicar o significado e a importância dos manguezais é necessário que nos voltemos para a história da cidade do Recife. Conhecida como **cidade estuário**, passou a ter seus rios e mangues aterrados, de modo desordenado, após a invasão dos holandeses no século XVII.

Isso significa aterrar áreas de desova e sacrificar a produção anual de pescados, ou seja, modificar um ecossistema de alta diversidade com o maior número de seres vivos por centímetro cúbico. Completando este cenário devemos citar as pontes, os seis rios que cortam a cidade, os viadutos, a falta de saneamento básico, de escolas, de assistência à saúde, os urubus e a miséria, elementos sempre presentes nas letras das músicas de Chico Science.

No **Manifesto**, eles criam um circuito de energia com o objetivo de fertilizar o Recife, colocando o homem-lama no topo da cadeia. Além disso, afirmam que aterrar o mangue não é progresso, é atraso. A cidade pode e deve crescer, mas não à custa do mangue, pois isto só irá acelerar o caos urbano. Ressaltam o fato de o Recife viver do mito de metrópole do Nordeste, sustentado numa cínica noção de progresso, aliado a estagnação econômica e cultural, apenas contribuiu para agravar a miséria e o caos urbano. "... é hoje a quarta pior cidade do mundo para se viver" e "a mais violenta do Brasil". A última parte chama atenção para a urgência de uma ação: "Um choque rápido ou o Recife morre de infarto!". E apresenta a solução: "Basta injetar um pouco de energia na lama e estimular o que ainda resta de fertilidade nas veias do Recife". Nesta concepção de Mangue, entraram com o corpo e o cérebro.

Resgatando elementos da cultura folclórica regional como o maracatu, o coco, a embolada, os caboclos de lança, o xaxado, as cantigas de roda e mesclando-os com alguns ritmos da cultura *pop* mundial como o *rock*, *reggae*, rap, *funk* e *hip hop*, o Mangue beat recuperou uma tendência estético-musical mundial – a híbrida, e surpreendeu a todos com uma música de vibração irresistível, invocando o espírito de luta daqueles que vivem no limite ou na intersecção de várias tendências, artistas da ubiquidade. Por isso, foi considerado um dos movimentos mais expressivos da música popular brasileira. Seus artistas não se privam de nada pois querem ser populares e massivos, estar no próprio país e nos outros. Segundo Canclini (1998. p. 149 a 155), analisar um movimento artístico é vê-lo como o cruzamento de correntes sociais diversas, já que o consumo artístico testemunha as contradições da história social.

O movimento mangue despertou a atenção da mídia e abriu espaços para que emergisse um novo olhar sobre o mangue, através do talento de jovens de diversas profissões (músicos, pintores, quadristas, design e letristas) que, sem um compromisso formal, terminam refletindo os anseios de toda uma geração. Estes jovens inserem-se em um processo de integração mais aberto e multiculturalista, sem abrirem mão do desejo de resgatar ou revalorizar os valores que fazem parte do seu substrato cultural. Exemplos são as bandas Mestre Ambrósio, Querosene Jacaré, Cavalo do cão, Alma em água, Véio Mangaba, Coração tribal, Jorge Cabeleira, Tonheta, Antúlio Madureira, entre tantas outros. Hoje, segundo o DJ Renato L.,

Os mangueboys e manguegirls são indivíduos interessados em hip hop, colapso da modernidade, caos, ataques de predadores marítimos (principalmente tubarões), moda, Jackson do Pandeiro, Josué de Castro, rádio, sexo não-virtual, sabotagem, música de rua, conflitos étnicos, Malcom Maclaren⁴, Os Simpsons e todos os avanços da química aplicados no terreno da alteração e expansão da consciência.

3 AFINAL, DE ONDE VÊM A POESIA E A PERFORMANCE DE CHICO SCIENCE?

Acreditamos ser o fruto de toda a sua curta história de vida. É como se ele tivesse nascido para ser o líder do movimento mangue. É como se essa predestinação estivesse no sangue que corria em suas veias. Isto por que o Recife, visto do mangue, é um desafio. O escritor Raimundo Carrero chega a afirmar que “para se conquistar o Recife é preciso desbravar o mangue”. Impregnar-se de lama, avançar sobre o seu estuário, berço da vida, onde há renovação constante. Mas é lá também o espaço onde o homem atua, mais intensamente, com o seu instinto predador. Ele aterra o mangue, tira a vida dos homens-caranguejos **de Josué de Castro - um cientista da fome**, de toda a flora *rhizophora mangle* e de toda a fauna (aratus, chiés, caranguejos, guaiamuns, guajás, mexilhões, unhas-de-velho, sururus, ostras, tainhas entre outros mais) e, com esse gesto, o sustento de pobres homens. Com isso, alimenta o lucro de poucos e acaba com o sonho de muitos homens.

Imaginem que é “do sonho dos homens que uma cidade se inventa” e também se criam novos movimentos artísticos. Do sonho de Chico Science, surge o Mangue beat, em um local de lama podre no fundo, de águas escuras, por onde sempre passa esse povo marginal, escuro e anfíbio: os caranguejos com cérebro. Como fragmentos de uma vida, começamos a vislumbrar outro Recife, mais cru, ingrato, abandonado à própria sorte: **O cão sem plumas de João Cabral**. Parece até que João Cabral previu o Mangue beat. O certo é que ambos, João Cabral e Chico Science, esse com um impressionante poder de assimilação do novo, por

motivos diferentes e em momentos diferentes, viram o **rio** sob um novo ângulo, bem mais próximo da Psicologia da Fome, viram-no como parte de uma cidade “destituída, / depauperada,/ embrutecida.”

Aquele rio/ era como um cão em plumas./ Nada sabia da chuva azul,/ da fonte cor-de-rosa/ dá água do copo d'água,/ da água de cântaro,/ dos peixes de água,/ da brisa na água.// Sabia dos caranguejos/ de lodo e ferrugem./ Sabias da lama/ como uma mucosa./ Devia saber dos polvos./ Sabia seguramente/ da mulher febril que habitava as ostras.//...// Abre-se em flores/ pobres e negras/ como negros./ Abre-se numa flora/ suja e mais mendiga/ como são os mendigos negros./ Abre-se em mangues/ de folhas duras e crespas/ como um negro. (MELO NETO, João Cabral. *Obra completa*. v. único. Org. Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.)

Não são apenas os poetas, compositores, sociólogos e romancistas pernambucanos que têm a alma impregnada de mangue e se alimentam artisticamente dessa fertilidade. Desde 1991, no Recife, vem-se processando uma renovação artística e estética com antenas parabólicas enterradas na lama e sintonizadas com a aldeia global pop, os manguelboys - caranguejos com cérebro - das bandas **Chico Science & Nação Zumbi** e **Mundo Livre S/A**, os quais criaram, no cenário da música brasileira e internacional dos anos 90, uma nova linguagem para os ritmos regionais, enfocando a complexidade urbana da metrópole.

A busca de Chico Science pelo beat perfeito quebrou a tradicional oposição entre o regional e o cosmopolita tão presente na cultura brasileira. E isso, ninguém analisou melhor do que o DJ Renato L.

Os tambores do Maracatu soavam tão interessantes quanto os ritmos robóticos do *Kraftwerk*⁵ ou as batidas quebradas do *Public Enemy*. A mesma síntese, vamos encontrar na métrica original das letras, casamento sem brigas entre o repente e o rap. Como se Jackson do Pandeiro e Chuck D⁶ fossem uma pessoa só. Em Chico sempre encontramos as mágicas do alquimista (pós) moderno. A começar do codinome artístico, com seu diminutivo tão brasileiro colado ao inglês. Ou na performance, também: a traquinagem do Velho Facete, as caras e bocas do expressionismo alemão, a ginga do caboclo de lança e a dança de rua do *Hip Hop*. Essa fricção entre elementos às vezes distante no tempo e no espaço se materializou em apenas dois discos de estúdio. Muito pouco para um talento tão grande. Mas o suficiente para construir um mito de permanente fascínio.

Chico fez da música e da poesia o seu projeto artístico de vida, no qual reflete a sua formação cultural, com os circos de interior e as feiras de final de semana, com os maracatus, a ciranda, o caboclo de lança e o coco incorporando à sua criação artística os novos movimentos da vanguarda negra americana, como: as batidas do maracatu, os sons da guitarra, os ritmos *pop*. É dessa versatilidade de ritmos que resulta o seu projeto artístico de

feição híbrida, com dimensões transcontinentais, no qual o Nordeste se consolida na defesa de seus valores e de suas convicções: Chico nunca deixou de cantar o Mangue, mas o fez por meio de um filtro universalizante, híbrido, realizando uma antropofagia musical, com a preservação das origens e a assimilação de elementos externos que alimentam o entalhe final da obra.

4 CHICO SCIENCE: A PERFORMANCE.

Chico Science, no seu espaço preferencial - o Mangue, cria um diálogo entre a platéia, a ambientação, o figurino, os ritmos, a música e a dança, com sotaque pernambucaníssimo e mistura universalista. Cantor e dançarino improvisado que, em suas apresentações performáticas, reúnem todas as técnicas para reinterpretar o mangue com ritmos diversificados. Nele, as culturas tradicionais coexistem com manifestações urbanas (por vezes modernas e sofisticadas), com a África, a Europa e o restante das Américas, com o propósito de criar um painel híbrido no espaço cultural brasileiro. Dentro dessa visão de trazer para a sua arte, um espaço não tradicional, é que iremos caracterizar o seu caráter multicultural, sua procura por uma arte total, a qual associe a letra, a música e a dança, ao teatro, às artes plásticas, às pantomimas, ao folclore, aos estilistas, aos quadrinhos.

Na performance, há uma acentuação maior do instante presente, do momento da ação (o que acontece no tempo real). Isto cria a característica de rito⁷, com o público não sendo mais só expectador, e sim, estando numa espécie de comunhão. A característica de evento da performance (muitas vezes os espetáculos são únicos, não se repetem, ou quando se repetem são diferentes) acentua essa condição, dando ao público uma característica de cumplicidade, de testemunha do que aconteceu. A performance tem também uma característica de espetáculo, de *show*. E isso a difere do teatro. Esse movimento de vaivém faz com que o performer tenha que conduzir o ritual – espetáculo - e segurar o público. As expressões e os movimentos, as marcas corporais e as atitudes, se manifestam como verdadeiros signos na performance. O corpo adquire uma função desalienante levando em conta que as técnicas corporais de preparação para a encenação foram dominadas. As performances tentam resolver a contradição entre o homem e a sua imagem especular pondo à descoberta a distância real que existe entre as convenções sociais e os programas instituídos e o corpo tomado como elemento do processo artístico. (Glusberg, 1987, p.89 a 103).

Usando o corpo sem definir limites para os movimentos, a fim de libertar os sentidos de se alimentar só de palavras e ritmos, criando estruturas imprevisíveis ou relacionando imagens pertencentes a cadeias semânticas diversas, o artista Chico Science “inventa” para si uma nova realidade artística, onde o lúdico e o labor se misturam para que ele possa criar, dançando, cantando e compondo, um novo ritmo musical. Na opinião do crítico latino-americano Néstor García Canclini, “não há pior acusação contra um artista moderno do que apontar repetições em sua obra”.

Se a idéia de performance associa-se ao conceito de estar sempre um passo à frente, isto faz com que o artista mescle tanto um retorno à tribo quanto, ao mesmo tempo, procure assimilar as novas tecnologias existentes, devorando caminhos à procura da adequação necessária para uma expressão mais atual do ato de criar, o que constitui uma das tendências atuais nas artes plásticas (juntamente com o *happening*, a arte corporal, o *hip hop*, os quadrinhos, o cinema e o teatro). Na arte de Chico Science, o espetáculo vai sendo criado a partir de improvisações: nos gestos, nas roupas, nos batidas, nos locais ocupados - construindo, pouco a pouco, as cenas.

Na mesma composição, Chico Science deliberadamente associa gestos amplos, rastejantes, maquinais, durante a apresentação, usando as pernas e braços como patas de caranguejos, fundindo-os ao texto, à procura de uma linguagem que fale não só com palavras, mas também com movimentos, que desperte a imaginação, na qual o gesto é essencial. Ele quer ver pessoas de todos os continentes, das mais diferentes culturas, rompendo as fronteiras possíveis entre as linguagens artísticas.

5 CHICO SCIENCE: AS LETRAS.

Já se passaram mais de duas décadas sem a presença deste gênio dos ritmos. Um artista capaz de buscar inspiração nas fontes mais diversas, fazendo dos livros bons companheiros. Com a obra **A Geografia da Fome**, de Josué de Castro, quando denuncia as desgraças sociais do Recife, “***O Josué eu nunca vi tamanha desgraça. Quanto mais miséria tem mais urubu ameaça***” **Da Lama ao Caos**. Com os clássicos da ficção-científica, com os quadrinhos e com os estilistas tira novos personagens, novas caricaturas e novas inspirações.

O artista não usa o tempo linearmente, pois mescla música, texto e imagem de várias épocas, com citações aparentemente dadas em fragmentos, soltas, fora do contexto (como a montagem de videoclips), criando, em uma mesma letra, vários estilos de várias épocas, pois afinal “a cidade não pára/ a cidade só cresce” e, nesse espaço, o poeta ainda quer fazer “uma

embolada,/ um samba,/ um maracatu/ tudo bem envenenado”. Será que tudo isto caberia na cidade? Com certeza. Pois, com isso, “eles sairiam da lama e enfrentariam os urubus, apesar de o Recife acordar com a mesma fedentina do dia anterior”. Algo mudou? Parece-nos que não. Afinal “a cidade é o centro das ambições.”

Francisco França foi um filho da modernidade. Não foi um intuitivo, pois, para alcançar a perfeição técnica da batida do maracatu montou uma complexa operação estética necessária a essa formatação. A síntese Zumbi/Zulu – encontro de várias nações – trouxe Palmares e a África para o mesmo espaço imaginário em uma articulação de mestre DJ Renato.. É o que notamos em **Maracatu atômico**, na qual o ritmo e o refrão, trazem a batida do maracatu,”(...) Anamauê, auêia, aê (...)” e a letra alude ao mangue:” (...) Atrás do arranha-céu tem o céu, tem o céu/ E depois tem outro céu, sem estrelas (...) e as unhas negras dos catadores de caranguejo (...) que alguém de unhas tão negras e tão afiadas esqueceu de pôr (...)”

Em **Corpo de Lama**, Chico enfatiza a idéia do corpo de lama, corpo de barro, é apenas “a imagem que sou”. A sociedade, ao longo do tempo, tem pensado no homem apenas como um “um ser social” (moldado socialmente) e não como um ser composto de corpo e de mente.

Nosso corpo segue padrões ao vestir, andar, sentar: já que construído a partir de modelos copiados socialmente através da mídia, da religião:

“Essa chuva de longe que tu vê, é apenas a imagem que sou./Esse sol bem longe que tu vê, é apenas a imagem que é tu./Fiquei apenas pensando, que seu rosto parece com minhas idéias./Fiquei lembrando que há muitas garotas em ruas distantes./Há muitos meninos correndo em mangues distantes./Essa rua de longe que tu vê, é apenas a imagem que sou./Esse mangues de longe que tu vê, é apenas a imagem que é tu.” (...) “Se o asfalto é meu amigo.../(Deixar que os fatos sejam fatos naturalmente, sem que sejam forjados para acontecer./Deixar que os olhos vejam pequenos detalhes lentamente./Deixar que as coisas que lhe circundam estejam sempre inertes, como móveis inofensivos, pra lhe servir quando for preciso, e nunca lhe causar danos morais, físicos ou psicológicos.

Isto nos remete também a “**Imóvel, mas não inerte**”, placa afixada a entrada do ateliê de Francisco Brennand. Lá, as peças de cerâmica não são inertes, mas, no mangue, os homens caranguejos viviam inertes.

Com a composição **Sangue de Bairro** Chico presta uma homenagem ao bando de Lampião, nomeando os seus cabras, mas sem uma ordem hierarquizante, e mostrando-se um tanto confuso com os homens sem cabeça, vítimas do cangaço, pois “não sabe se faz uma embolada, um samba ou um maracatu”. Afinal, a sua experiência é com os homens de cérebro.

Logo de início, encontramos “As pedras evoluídas/Que cresceram com a força/De pedreiros suicidas” em uma clara alusão a letra da música **Pedro Pedreiro**, de Chico Buarque. Também o trabalhador da construção civil, **Pedro Pedreiro**, saiu de uma cidade nordestina em busca de uma vida melhor. Ele só não sabia que a cidade “(...) não pára/A cidade só cresce/O de cima sobe/E o de baixo desce./e, numa clara alusão: A cidade não tem sentimentos.

A composição Mateus Enter faz parte do segundo álbum da banda, **Afrociberdélia**, e pode ser considerada uma boa representação da bandeira levantada pelo movimento.

Eu vim com a Nação Zumbi / ao seu ouvido falar / quero ver a poeira subir / e muita fumaça no ar / cheguei com meu universo / aterrizo no seu pensamento / trago as luzes dos postes nos olhos / rios e pontes no coração / Pernambuco embaixo dos pés / e minha mente na imensidão.

Demonstra a urgência de resgatar a cultura regional (“... Pernambuco em baixo dos pés...”), fazendo com que esta seja reconhecida (“... aterrisso no seu pensamento...”). Exalta a necessidade do orgulho da terra natal e da experiência individual (“... trago as luzes dos postes nos olhos / rios e pontes no coração...”) e a importância de estar conectado às tendências e inovações tecnológicas correntes (“... e minha mente na imensidão”).

6 CONCLUSÃO:

O reconhecimento com a cultura não desaparece, ela se modifica constantemente pelos acréscimos de novas formas artísticas em diferentes momentos históricos que, como afirma Canclini, caracteriza uma constante “luta semântica para neutralizar, perturbar a mensagem dos outros ou mudar seu significado, e subornar os demais à própria lógica”. Ressaltamos ainda a permanente atualização, pela qual a canção passa, pois, cada vez que alguém a repete, pode propiciar, em um fragmento de tempo, recordações de várias circunstâncias de vida ligadas a ela. Para Tatit, quando se canta uma canção, o efeito produzido é de tempo presente, pois “alguém cantando é sempre alguém dizendo e dizer é sempre aqui e agora”.

Chico Science é um rio de muitas vertentes, que faz uso de uma linguagem híbrida como elemento definidor do seu projeto artístico - na busca incessante de novas formas de representação. Citado por Mário Hélio, Raimundo Carrero e José Teles, críticos do *Jornal do Commercio* como aquele que, ao exemplo de Josué de Castro, com a **Psicologia da fome** e de

João Cabral, com **Cão sem plumas**, entrou no Mangue, com o corpo e o cérebro, querendo dar uma opção diferente de vida aos homens caranguejos. Apesar de Chico Science não ter asas e o urubu as ter em **Manguetown**, Chico consegue voar bem mais alto, usando a criação: “Estou enfiado na lama/É um bairro sujo/Onde os urubus têm casas/E eu não tenho asas/Mas estou aqui em minha casa/Onde os urubus têm asas” (...) “E com as asas que os urubus me deram ao dia/ Eu voarei por toda a periferia (...)”

NOTAS

- ¹ **Soul** (em inglês: alma) é um gênero musical dos Estados Unidos da América que nasceu do rhythm and blues e do gospel durante o final da década de 1950 e início da década de 1960 entre os negros. Nesta época, o termo soul já era usado nos EUA como um adjetivo de referência ao afro-americano, como em "soul food" ("comida de negro").
- ² **Ska** é um gênero musical que teve sua origem na Jamaica no final da década de 1950, combinando elementos caribenhos como o mento e o calipso e estadunidenses como o jazz, jump blues e rhythm and blues. Foi o precursor do rocksteady e do reggae. Suas letras trazem sinais de insatisfação, abordando temas como marginalidade, discriminação, vida dura da classe trabalhadora, e acima de tudo a diversão em harmonia.
- ³ O **dub** surgiu na Jamaica no final da década de 1960. Inicialmente era apenas uma forma de remix de músicas reggae, nos quais se retirava grande parte dos vocais e valorizava-se o baixo e a bateria. Muitas vezes também se incluía efeitos sonoros como tiros, sons de animais, sirenes de polícia, etc. Suas bases foram usadas posteriormente em todos os estilos de música eletrônica moderna, inclusive o Rap, que teve sua criação diretamente ligada ao Dub quando Jamaicanos migraram para os EUA e divulgaram a técnica.
- ⁴ Um dos personagens mais importantes do rock. Empresário da banda Sex Pistols e de outras bandas precursoras do punk rock na Inglaterra.
- ⁵ Grupo musical alemão que inventou o estilo de música techno, totalmente feita e tocada por meio de sintetizadores, tornando a música eletrônica mais acessível ao grande público.
- ⁶ É um rapper escritor e produtor musical estadunidense. Um dos principais criadores e desenvolvedores da cultura hip hop. Vocalista do grupo Public Enemy.
- ⁷ É um conjunto de atividades organizadas, no qual as pessoas se expressam por meio de gestos, símbolos, linguagem e comportamento, transmitindo um sentido coerente ao ritual. O caráter comunicativo do rito é de extrema importância, pois não é qualquer atividades padronizada que constitui um rito.

REFERÊNCIAS

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução Ana Regina Lessa, Heloísa Pezza Cintrão. 2. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998.

GLUSBERG, Jorge. *A arte da performance*. Tradução Renato Cohen. São Paulo: Perspectiva, 1987.

MELO NETO, João Cabral. Morte e vida Severina. In. _____ *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

Memorial Chico Science. Disponível em: <<http://www.recife.pe.gov.br/chicoscience/>>. Acesso em: 3. abr. 2011.

Memorial Chico Science. Textos: Mangue beat – Breve histórico do seu nascimento. Disponível em: <<http://www.recife.pe.gov.br/chicoscience/>>. Acesso em: 3. abr. 2011.

NETO, Moisés. *Chico Science: a rapsódia afroiberdéliica*. Recife: Comunicarte, 2000.

TATIT, Luiz. *O cancionista*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996.